

HISTÓRIAS E BASTIDORES DE “MEU PEQUENO CACHOEIRO”, DE RAUL SAMPAIO

Stories and behind the scenes of Raul Sampaio’s “Meu pequeno cachoeiro”

Maikely Teixeira Colombini¹

<https://orcid.org/0000-0001-5380-0106> 

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro¹

<https://orcid.org/0000-0003-3817-4738> 

¹Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. 29075-910 – ouvidoria@ufes.br

Resumo: Este artigo detém-se, primeiramente, na investigação da canção “Meu pequeno Cachoeiro”, de Raul Sampaio. Para tanto, toma como suporte os elementos para a análise da canção popular de Luiz Tatit (2003). Em seguida, examina a vinculação direta do compositor com o cantor Roberto Carlos. Em se tratando dessa canção, não é plausível considerar que a palavra cantada existe somente no aqui e agora, ou seja, vive no presente como evento isolado e sem existência real fora da performance. Raul Sampaio e Roberto Carlos moldam suas performances de “Meu pequeno Cachoeiro” com significados diferentes, pois ambos carregam memórias e ecos de outros modos e recriações.

Palavras-chave: Canção; Raul Sampaio; Roberto Carlos; “Meu pequeno Cachoeiro”.

Abstract: This article focuses, in the first place, on the investigation of the song “Meu pequeno Cachoeiro, by Raul Sampaio. For that, it takes as support the elements for the analysis of folk songs of Luiz Tatit (2003). Then, it examines the direct link between the composer and the singer Roberto Carlos. In the case of this song, it is not plausible to consider that the sung word exists only here and now, that is, that it lives in the present as an isolated event and without real existence outside the performance. Raul Sampaio and Roberto Carlos shape their performances of “Meu pequeno Cachoeiro” with different meanings, as both carry memories and echoes of other modes and recreations.

Keywords: Song; Raul Sampaio; Roberto Carlos; “Meu pequeno Cachoeiro”

Introdução

Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, em 1928, Raul Sampaio Cocco – primo do também cantor e compositor cachoeirense Sérgio Sampaio – é autor da conhecida composição “Meu pequeno Cachoeiro”. A canção e a cidade natal de Raul Sampaio são como espaços de subjetividades, tendo em vista que o compositor considerou a cartografia simbólica de Cachoeiro para narrar a experiência vivida. Em livro intitulado *Do verso à canção: biografia do cantor e compositor Raul Sampaio*, de autoria de Evandro Moreira e Paulo Luna, temos:

Essa composição pode ser vista como uma grande síntese da obra de Raul Sampaio, no sentido de que, nela, estão presentes aspectos predominantes em suas composições como a nostalgia, o saudosismo e o lirismo, e também a entronização do passado como lugar mítico dos melhores momentos da vida, confundido com a infância (Moreira; Luna, 2012, p. 187-188).

“Meu pequeno Cachoeiro” foi lançada em 1963 por Raul Sampaio, porém “estourou” quando gravada pelo também cachoeirense Roberto Carlos, em 1970. Por meio desta canção, Raul enalteceu a cidade onde nasceu ao recriar imagens do passado. No prefácio da biografia *Do verso à canção*, Adilson Dilem dos Santos assinala que, dono de uma sensibilidade ímpar, Raul uniu a palavra e o canto e

compôs músicas com ritmos e gêneros díspares, do samba, samba canção, boleros, choros a marchinhas de carnaval, fazendo de suas músicas uma obra literária, transmitida à sua gente através de grandes intérpretes” (Santos *apud* Moreira; Luna, 2012, p. 7).

Andressa Zoi Nathanailidis, em seu artigo intitulado “De Cachoeiro ao Rio de Janeiro: a vivência regional e a nostalgia na canção autobiográfica de Raul Sampaio”, afirma que Raul “é autor de mais de 400 (quatrocentas) canções que se consagraram à ‘época de ouro’ do rádio brasileiro” e “Meu pequeno Cachoeiro” é um dos seus sucessos (Nathanailidis, 2018, p. 82).

Desenvolvimento

Como esse artigo se anuncia realizando um diálogo com a contribuição teórica de Luiz Tatit (2013, p. 9), vale trazer à tona as suas palavras: “reiteração da melodia e reiteração da letra correspondem à *tematização*”. Para o autor, a qualificação de um personagem ou de um objeto é uma das principais formas de manifestação da reiteração na letra. Na canção de Raul Sampaio, a cidade é o objeto que o compositor recupera em vários momentos. A exaltação de Cachoeiro de Itapemirim funciona como um espelhamento das reincidências melódicas. Seguindo com os processos de composição de canções brasileiras,

A configuração de um estado passional de solidão de solidão, esperança, frustração, ciúme, decepção, indiferença etc., ou seja, de um estado interior, afetivo, compatibiliza-se com as tensões decorrentes da ampliação de frequência e duração. Como se à tensão psíquica correspondesse uma tensão acústica e fisiológica de sustentação de uma vogal pelo intérprete. O prolongamento das durações torna a canção necessariamente mais lenta e adequada à introspecção. Afinal, a valorização das vogais neutraliza parcialmente os estímulos somáticos produzidos pelos ataques das consoantes. O corpo pode permanecer em repouso, apenas com um leve compasso garantindo a continuidade musical. Todas as canções românticas possuem essas características próprias do processo de *passionalização* (Tatit, 2013, p. 9).

Isto reforça a nossa tese de que há passionalização na canção aqui analisada. Como



se vê, do ponto de vista da passionalização, é possível notar em “Meu pequeno Cachoeiro” a configuração de um estado passional. O enunciador *Eu* deixa transparecer seu estado interior e um sentimento de saudade vem à tona: “Mas te confesso na saudade / as dores que arranjei pra mim / pois todo o pranto destas mágoas / ainda irei juntar nas águas / do teu Itapemirim” (Lei nº 7.395/2016). Tendo a canção no horizonte da análise, o andamento pausado da melodia reforça a dominância do ser sobre o fazer e o *Eu* vai revelando as suas dores em uma canção lenta e introspectiva.

Nathanailidis (2018, p. 88) afirma que a “escrita traduz um sentimento de falta, uma nostalgia que se confunde com os primeiros passos da vida do eu-lírico: a infância, a juventude, o tempo passado e vivido na cidade de Cachoeiro do Itapemirim”. Desse modo, na canção “Meu pequeno Cachoeiro”, um pouco da vida pessoal de Raul Sampaio vem à tona e ele acaba por exprimir um pouco da sua essência. Leitores e ouvintes deparam-se com o que há de real e íntimo na vida do poeta, uma vez que na canção há um diálogo da cidade com a subjetividade do compositor.

O estribilho “Meu pequeno Cachoeiro / vivo só pensando em ti / ai que saudade dessas terras / entre as serras / doce terra onde eu nasci!” aparece em 4 estrofes da canção e reflete isomorficamente o que o título da canção quer dizer. Cabe assinalar que, segundo Tatit (2003, p. 7), a reiteração é um dispositivo fundamental para a retenção da memória: “basta um ligeiro apuro musical do ouvido para se depreender reiterações”.

Ao analisar “Meu pequeno Cachoeiro”, Nathanailidis (2018) assinala que “o texto-canção se encerra com o estribilho, mais uma vez ressaltando a saudade da ‘doce’ terra natal. Saudade que traduz a falta e a impossibilidade de se reviver o que já passou” (Nathanailidis, 2018, p. 89). Dessa forma, o estribilho reforça a recorrência do tema, contribuindo para a regularidade rítmica na canção. Como se vê, o término é uma marca registrada das canções de Raul Sampaio, deixando-nos a impressão de uma “chave de ouro” (Moreira; Luna, 2012, p. 91-92).

Sob a ótica da figurativização enunciativa, Tatit (2003, p. 9) assinala que a presença da fala repercute na letra da canção e todos “os recursos utilizados para presentificar a relação **eu/tu** (enunciador/enunciatário) num **aqui/agora** contribuem para a construção do gesto oral do cancionista”. Na primeira estrofe da composição de Raul Sampaio, temos: “Eu passo a vida recordando / de tudo quanto aí deixei / Cachoeiro, Cachoeiro / vim ao Rio de Janeiro/ pra voltar e não voltei!” (Lei nº 7.395/2016). O enunciador *Eu* interpela o seu interlocutor-vocativo que ora é *Cachoeiro* ora é *Meu pequeno Cachoeiro*, estabelecendo-se assim uma comunicação direta. É uma forma de cantar quase falada, que sugere uma naturalidade, um ideal de expressividade que passa por uma fluência e cria um sentimento de verdade. No que diz respeito à atuação da fala na canção, é possível constatar a presença da linguagem oral em toda canção popular (Tatit, 2003, p. 8), dado o seu efeito enunciativo. Raul Sampaio e Roberto Carlos projetam-se na canção e parecem vivenciar o que estão dizendo.

Na performance de Roberto Carlos, o artista faz um acréscimo à letra original de



Raul Sampaio, em que o travessão é um indicativo do discurso direto. Ele não só prenuncia o início de uma frase, como também de uma interlocução. Segundo Luiz Tatit (2003, p. 8), a “presença da fala é a introdução do timbre vocal como revelador de um estilo ou de um gesto personalista no interior da canção”. Roberto Carlos imprime carisma à composição e revela uma realidade mais profunda à sua interpretação. Em “O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance?”, Ruth Finnegan (2008, p. 24) assinala que “a ‘letra’ de uma canção em certo sentido não existe a menos e até que seja pronunciada, cantada, trazida à tona com os devidos ritmos, entonações, timbres, pausas; tampouco a canção tem ‘música’ até que soe na voz”. Finnegan (2008, p. 25) afirma ainda que há situações em que texto e música são, em algum sentido, criados em conjunto. Nesta circunstância, “a criação pode se dar *durante* a própria performance – ‘composição-em-performance’” (Finnegan, 2008, p. 25). Na canção “Meu pequeno Cachoeiro” não cabe priorizar qualquer dimensão da canção, pois a letra de Raul Sampaio e a performance de Roberto Carlos dão a justa medida à composição.

No que diz respeito à questão da autoria na música popular brasileira, Paulo Luna e Evandro Moreira falam das “polêmicas históricas que perduram até hoje, em torno da autoria verdadeira de algumas músicas e da participação efetiva ou não de determinados autores” (Moreira; Luna, 2012, p. 85). Raul Sampaio foi o primeiro compositor popular de Cachoeiro a gravar um disco num tempo em que pouco importava quem fazia a letra ou a música no meio musical, “nem sempre eram dados os devidos créditos aos compositores” (Moreira; Luna, 2012, p. 97). Ao lado de outros artistas, Raul participou da criação e organização da SBACEM, “entidade que tinha por finalidade a salvaguarda dos direitos autorais dos músicos brasileiros, que, antes, eram menos importantes que os intérpretes. Ou seja, criavam, produziam a arte mas não obtinham qualquer recompensa crítica ou financeira.” (Moreira; Luna, 2012, p. 40). Segundo Evandro Moreira e Paulo Luna,

Certa feita, a música “Meu pequeno Cachoeiro” foi apresentada no programa Flávio Cavalcanti na TV Tupi e o apresentador, sentado no palco de frente para a plateia, assim comentou: “Fantástica essa música que o Roberto Carlos fez para a cidade dele”.

Algum tempo depois, o cantor Gilberto Milfont que trabalhava na produção do programa Flávio Cavalcanti encontrou com Raul Sampaio e comentou: – “Eu vou ver se levo você para o Flávio apresentar que você está com esse sucesso bonito aí de Roberto e todo mundo pensa que é do Roberto e seria justo que ele apresentasse você como autor.”

Em depoimento, Raul Sampaio revelou sua revolta:

“Gilberto Milfont levou o assunto para a produção, depois me disse o seguinte: “Flávio Cavalcanti estava na mesa e falou: “Eu que não sou louco de denegrir a imagem de Roberto Carlos, se o pessoal tá pensando que é dele, depois se descobre que é do Raul, isso é problema dele lá”. E não teve a hombridade de me apresentar, sequer, como autor daquilo que eu fiz. Quer coisa mais terrível do que um repórter faltar com a verdade? Que cinismo!” (Moreira; Luna, 2012, p. 98).

É claro que Raul Sampaio não aprovou a postura de Flávio Cavalcanti. No entanto,



esta foi apenas uma de muitas situações em que Raul Sampaio viu suas criações serem atribuídas a outros cantores. Finnegan (2008) reflete sobre como o texto, a música e a performance operam em conjunto, sem atribuir prioridade a uma ou outra. Ela toma a palavra cantada – a canção e a poesia oral – como performance, ou seja, encenada por meio da voz. Interessante pensar em como a música e a letra de Raul Sampaio são atualizadas na performance de Roberto Carlos. A perspectiva que Finnegan assume é que “uma canção – ou um poema oral – tem sua verdadeira existência não em algum texto duradouro, mas em sua performance” (Finnegan, 2008, p. 23), uma vez que “uma canção, que em termos de sua letra e melodia escritas poderia parecer a ‘mesma’, pode ser realizada de diferentes maneiras em diferentes “performances” (Finnegan, 2008, p. 24).

Tadeu Dulci Reis, em artigo intitulado “As transformações da música popular urbana brasileira: da modinha ao samba dos anos 1940”, traz à tona uma série de mudanças que sofreu a música popular brasileira de meados do século XIX até os anos 1940, repercutindo, inclusive, nos compositores. Cabe assinalar que nem sempre a questão da autoria esteve bem esclarecida (Reis, 2017). Para ele, uma característica interessante no último ano da década de 1920 é a vinculação direta do compositor com o cantor e “a valorização se centraliza nitidamente na figura do cantor, uma vez que é ele quem dá voz ao samba” (Reis, 2017, p. 236). Ou seja, nem sempre a figura do compositor foi valorizada no meio artístico:

A valorização do autor só virá com o samba “moderno” do Estácio, que não restringe a participação, enquanto a Guarda Velha faz uma música mais sincrética, em que a participação fica restrita aos que compartilham uma cultura e uma situação social semelhantes. A estrutura de composição é ainda num modelo mais rudimentar, existindo basicamente um estribilho e o restante é muitas vezes feito no improviso. Essas características explicitam uma forma de fazer música mais voltada senão ao entretenimento, a uma forma claramente não comercial. É o samba de roda que vai perdendo seu espaço (Reis, 2017, p. 234).

Esse panorama mudou, mas muitos compositores encontraram desafios para que suas canções fossem devidamente divulgadas, uma vez que “nem sempre eram dados os devidos créditos aos compositores” (Moreira; Luna, 2012, p. 97), e algumas parcerias “não aconteciam simplesmente porque esse ou aquele outro tivesse efetivamente participado da música”, mas “pela necessidade existente, com a qual Raul se deparava, de levar a música para ser gravada ou mesmo divulgada” (Moreira; Luna, 2012, p. 102). Em depoimento, Raul Sampaio nos diz:

Sabe que havia uma quantidade enorme de pessoas que participavam do ambiente sem fazer música. Tornavam-se parceiros, pessoas que levavam a música para determinado cantor, de forma que, talvez, aquele que compôs não conseguisse fazer. Ou por timidez ou falta de tempo, uma série de coisas e o parceiro caía dentro. Não me envergonho de ter assinado de 6 a 7 parcerias que me deram. Nenhum sucesso porém (Sampaio *apud* Moreira; Luna, 2012, p. 102).

Raul Sampaio “ao longo de sua carreira se depararia algumas vezes com a situação



de ver uma composição sua lançada por algum outro artista alcançar sucesso e ser considerada como de autoria de quem gravou, ficando seu crédito esquecido” (Moreira; Luna, 2012, p. 98). Dessa situação, “Meu pequeno Cachoeiro” é um bom exemplo, uma vez que, no auge do sucesso de Roberto Carlos, muitos creditaram ao “rei” a autoria da canção de Raul (Moreira; Luna, 2012, p. 98). Para Raul Sampaio, o parceiro é tão importante quanto o compositor, pois, muitas vezes, ele se encarregava da divulgação da música (Moreira; Luna, 2012, p. 104). E muitas são as inverdades no âmbito da criação musical, pois, como notou Paulo Luna, “uma composição não se definia apenas no ato de sua construção, mas também a partir das possibilidades de sua divulgação” (Moreira; Luna, 2012, p. 103).

Não há dúvida quanto à natureza ficcional verossímil da composição de Raul Sampaio. Andressa Zoi Nathanailidis verifica a atuação da canção “Meu Pequeno Cachoeiro” como um espaço discursivo em que pairam marcas autobiográficas. Para a professora, Cachoeiro de Itapemirim, Rio de Janeiro e Maratáizes são como pontos de inspiração para a temática das composições de Raul, um traço típico da sua produção (Nathanailidis, 2018, p. 83).

Nathanailidis (2018) considera as disposições sobre escrita autobiográfica de Philippe Lejeune, para quem “a definição de autobiografia seria narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2008, p. 14). O caráter autobiográfico de “Meu pequeno Cachoeiro” pode ser notado nas coincidências entre a identidade de Raul Sampaio e o *Eu* da canção, estabelecendo o que Lejeune (2008) denomina pacto autobiográfico. Cabe assinalar que Lejeune, em obra posterior, assume ter cometido um erro ao restringir a autobiografia à prosa (Nathanailidis, 2018, p. 83). Nathanailidis (2018) cita também Leonor Arfuch, que amplia as ideias de Lejeune. A pesquisadora “propõe a ampliação do termo ‘espaço biográfico’ às múltiplas formas de expressão contemporânea, corpus híbridos em que se apresentam, também, os relatos e as buscas de identidade” (Arfuch, 2010, p. 116, *apud* Nathanailidis, 2018, p. 83).

A canção atua como espaço discursivo, um desdobramento que escapa à classificação de gênero narrativo canônico (Nathanailidis, 2018, p. 84). Segundo Moreira e Luna (2012, p. 35), “Meu pequeno Cachoeiro” é “uma das mais belas músicas ‘situadas’, ou seja, específica de um lugar, no caso, a terra natal de Raul Sampaio, que nunca se esqueceu de Cachoeiro e aqui comparece periodicamente”. Segundo Moreira e Luna,

Essa música foi regravada em 1972 pelo saudoso Luiz Gonzaga, outro autor telúrico que captou profundamente a inspiração de Raul Sampaio. “Meu pequeno Cachoeiro” é realmente um hino de amor, fiel em todos os detalhes e cantado em outros estados e até no exterior, conforme informações de amigos que gostam de fazer turismo e são homenageados com essa música, em trens, restaurantes, passeios. Bastou dizer que é de Cachoeiro que a turma entoava o nosso hino. Na verdade, Raul ali retrata o amor à terra que faz a paixão dos cachoeirenses ausentes da boa terrinha, modéstia à parte, como diria o Rubem Braga (Moreira; Luna, 2012, p. 35).



Evandro Moreira e Paulo Luna assinalam que “Cachoeiro não era o lugar ideal para que um jovem se revelasse e conquistasse seus sonhos, mormente na área cultural, música e poesia, isso em 1949” (Moreira; Luna, 2012, p. 24). O Rio de Janeiro, por sua vez, era bastante atraente:

Era na “Cidade Maravilhosa” que se concentrava a maior parte da nossa “indústria do entretenimento”. Mesmo que a primeira emissora de televisão brasileira, a TV Tupi, tivesse sido inaugurada em São Paulo, era no Rio de Janeiro que ficava a mais importante Rádio do país, a Rádio Nacional, num tempo em que o rádio continuava a ser o principal veículo de comunicação. Era através da emissora carioca, situada na Praça Mauá, que os novos lançamentos musicais cruzavam os ares em direção aos ouvintes e os sucessos ali divulgados tornavam-se certamente sucessos nacionais. Por isso, todos os artistas que se destacavam regionalmente, ou que tinham o sucesso na carreira artística como meta, invariavelmente migravam para o Rio de Janeiro, onde havia inúmeras oportunidades de seguir a carreira musical (Moreira; Luna, 2012, p. 80).

Instrumentistas, cantores e compositores beneficiaram-se de alguma forma por estarem no Rio de Janeiro, pois havia maiores possibilidades. Arnaldo Silva – o Mininho – fez carreira no mundo do samba. Nascido em Castelo e registrado em Cachoeiro de Itapemirim, o músico compôs, cantou e encantou dentro e fora do Espírito Santo. Como é possível notar, o compositor Raul Sampaio não foi o único cachoeirense a se aventurar rumo à Cidade Maravilhosa. Sérgio Sampaio, Carlos Imperial, Adil de Paula, conhecido como Zuzuca do Salgueiro, e Luís Capucho são alguns exemplos.

Assim, na força e confiança de seus 20 / 21 anos, Raul resolveu buscar o Rio de Janeiro, com a mala de roupas, pouco dinheiro e muita disposição, ainda na crença romântica de que lá seria mais fácil, conforme o exemplo das vitórias de alguns artistas já famosos. Realmente, nessa época, o Rio de Janeiro era não só a capital do País mas, principalmente, a capital da Cultura e da Esperança de todo artista iniciante, que para lá migrara, esperando o sorriso difícil de Dona Sorte, mais sonhos que roupas na mala. Ficou morando em casa do tio Tito Cocco, que o teria auxiliado a conseguir emprego, provisoriamente, enquanto esperava o sorriso da dona Fortuna (Moreira; Luna, 2012, p. 24-25).

Em relação ao conteúdo linguístico da composição, Cachoeiro de Itapemirim é a cidade natal de Raul Sampaio e Roberto Carlos. A letra e a interpretação engendram a imagem de dois sujeitos que deixaram o lugar onde nasceram em busca de novas oportunidades e que, a cada execução da canção, revivem os tempos de antigamente, para mencionar Rubem Braga. Quem conhece um pouco de Rubem Braga sabe que o cronista, também cachoeirense, escreveu muitas narrativas sobre a sua cidade natal, mostrando-se afeito a ela. Rubem Braga, por meio das suas crônicas,

recorre a metáforas do espaço como quem deseja tornar visível a cidade em que nasceu, sendo a geografia do lugar, por vezes, descrita. É como se



Braga buscasse, tal qual notou Gomes (2008, p. 104), “o que ainda resta de idílico, de cidade compartilhada, maneiras de viver a cidade que resiste à fúria expansionista”. Cachoeiro de Itapemirim habitou Braga e foi por ele habitada, ajudando a dar forma aos desejos de um sujeito nostálgico que, por meio de um discurso lírico-sentimental, soube apreender a atenção do leitor. O cronista traz à tona um passado que vive nele e que o leva a dramatizar cenas infantis e cotidianas (Colombini, 2016, p. 83-84).

Raul Sampaio, em “Meu pequeno Cachoeiro”, também descreve a paisagem da sua terra natal: “Recordo a casa onde eu morava / O muro alto, o laranja / O meu bom jenipapeiro, / Bem no meio do terreiro, / dando sombra no quintal” (Lei nº 7.395/2016). Na canção, a imagem que o enunciador em primeira pessoa constrói da casa de sua infância é romântica e, ao rememorar-remember um espaço-tempo perdido, o *Eu* recupera o passado pela memória, explorando as suas imagens. Nas palavras de Andressa Zoi Nathanailidis, “o pensamento fixo relembra as serras e a doçura da cidade-origem, sedimentando-se enquanto refrão. A música segue descritiva, retratando os lugares em que se deram as primeiras vivências deste eu-lírico” (Nathanailidis, 2018, p. 89). É como se Cachoeiro estivesse diante de Raul Sampaio. E se considerarmos a performance de Roberto Carlos, é possível afirmar que é como se Cachoeiro estivesse diante dos olhos do “rei”. Há um movimento de ambos, compositor e cantor, em direção à cidade que extrapola a letra da canção.

A infância e a natureza aparecem em “Meu pequeno Cachoeiro” e, ao contrário do que se pode imaginar, o leitor-ouvinte familiariza-se com coisas miúdas, havendo, muitas vezes, uma identificação que pode sensibilizar aquele que ouve. Segundo Paulo Luna,

nas ondas dos rádios, no girar das vitrolas, nas lentes das TVs, a voz de Roberto Carlos cantarolando os versos “Eu passo a vida recordando / Tudo quanto ali deixei” passava a representar no sempre insondável inconsciente coletivo o desejo nem ao menos reconhecido de retorno ao lugar perdido da infância, ao país perdido em algum ponto, antes que as nuvens do progresso fizessem que os flamboyants passassem a ser derrubados como supérfluos, para dar luz a novos prédios e avenidas. Restavam então os incontáveis prantos de incontáveis mágoas, acrescidas diariamente e que passavam a desaguar não nas águas claras do Itapemirim, mas nas águas turvas da frustração e da impotência, resultando na neurose urbana (Moreira; Luna, 2012, p. 186).

Em livro intitulado *As cidades da cidade*, Carlos Antônio Brandão aponta que a cidade pode ser pensada “como referência de identidade e permanência contra a fugacidade das coisas e a fragilidade e absurdo da natureza humana” (2006, p. 12). Quando narra saudoso o tempo de antigamente, o compositor de “Meu pequeno Cachoeiro” conserva a imagem construída de sua cidade natal, como quem parece temer a perda de uma experiência e da tradição. Na canção, inscreve-se um passado que Raul parece tentar livrar do esquecimento. Segundo Nathanailidis, “o texto-canção denota a sensação do pertencimento, construída em uma cidade onde se delinearam os primeiros traços do eu-lírico-cantador” (Nathanailidis, 2018, p. 88). Este *Eu* intenta retornar à cidade natal, mas



este desejo não se concretiza e ele sofre.

Raul Sampaio traz à sua poesia musicada um tom romântico que também é uma marca do estilo de Roberto Carlos. Para Finnegan (2008, p. 29), a existência de canções é viabilizada pelos múltiplos modos com os quais a voz humana explora um conjunto de recursos auditivos. A experiência sonora e a beleza musical da composição “Meu pequeno Cachoeiro” transportam o ouvinte, comunicando tanto quanto as palavras. Cabe assinalar que não estamos aqui supondo que o elemento verbal ocupa um lugar periférico: não “é somente o texto – ou somente a música e o texto –, mas a atuação multissensorial. O papel das ‘palavras’ só pode ser avaliado nessa perspectiva mais ampla, multidimensional” (Finnegan, 2008, p. 35).

Além dos três critérios para o exame da melodia, outro processo de composição da canção para a qual Luiz Tatit chama a nossa atenção é a iconização. Para o professor, “a característica marcante desse processo é a enumeração linguística desses traços que faz ressoar as reiteraões dos temas melódicos” (Tatit, 2003, p. 23). Em “Meu pequeno Cachoeiro” aparecem diversos traços que configuram o objeto Cachoeiro: “A minha escola, a minha rua / os meus primeiros madrigais / ai como o pensamento voa / ao lembrar a Terra boa / coisas que não voltam mais!” (Lei nº 7.395/2016). As memórias do *Eu* trazem à tona um tempo que passou e como bem marcou Andressa Zoi Nathanailidis, “a canção sugere um ideal romântico que nos remete a uma associação com o poema ‘Meus oito anos’, de Casimiro de Abreu” (Nathanailidis, 2018, p. 89).

Andressa Zoi Nathanailidis não foi a única a sugerir uma aproximação de “Meu pequeno Cachoeiro” com uma poesia romântica da literatura brasileira. Para Paulo Luna (2012, p. 185), o lirismo de Raul Sampaio se expande e a “evocação saudosa da terra natal é ao mesmo tempo a evocação da infância”. Nas palavras do pesquisador (2012, p. 186), “Meu pequeno Cachoeiro” e a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, cantam as dores do exílio. O *Eu* da composição de Raul Sampaio parece exilado em seu próprio país.

Interessante notar a relação da canção “Meu pequeno Cachoeiro” com poemas da nossa literatura, pois que Raul Sampaio foi, de fato, influenciado por alguns poetas. Segundo Evandro Moreira, “o poeta, que o músico é, nem sempre faz o que pensa mas sempre canta o que sente” (Moreira; Luna, 2012, p. 06).

“Bem, eu não fazia música não. Com 15 anos, 16, eu comecei a me interessar por fazer poesia. Lia muito poesia, era o tempo do romantismo de Bilac, Alphonsus de Guimaraens, enfim, os poetas, inclusive Castro Alves, que foi personagem de quem eu gostei. Até que me caiu nas mãos Augusto dos Anjos, que fez muito a minha cabeça, devido à originalidade, à classe, à competência de escrever. Foi assim. Adquiri um dicionário de rimas para me ajudar a desenvolver as rimas. Eu me prendia ao conteúdo do soneto, que eu sei é uma forma de verso comum, mas muito difícil de fazer. Não é fácil fazer um soneto de qualidade. Mas eu gosto. Então, eu fazia versos e comecei a publicar alguns versos num jornal da cidade. Ainda menino, participava das festinhas de colégio. Mas era muito tímido, a professora me colocava na frente pra cantar no coral porque eu cantava muito bem” (Sampaio *apud* Moreira; Luna, 2012, p. 92).



Ao associar os estudos da letra da composição “Meu pequeno Cachoeiro” aos da cidade na literatura foi possível analisar Cachoeiro enquanto texto ou, nas palavras de Renato Cordeiro Gomes (2008, p. 23), como “ambiente construído, como necessidade histórica” que resulta da imaginação do homem. A cidade converteu-se em linguagem que, a partir da canção, pode ser lida e decifrada/interpretada por seus leitores/ouvintes. Nas palavras de Paulo Luna

A gravação que efetivamente lançou essa toada para o sucesso nacional foi feita pelo então mais eminente astro da canção brasileira, considerado o “Rei da juventude” e, portanto, representante maior da corrente moderna da música popular brasileira, cuja temática, embalada pelos acordes de guitarras, reportava-se a um mundo, onde a velocidade e o progresso eram provas de vitalidade. Na voz de Roberto Carlos, “Meu pequeno Cachoeiro” deixou de ser o canto saudoso de um provinciano, para se transformar no canto saudoso de toda uma nação, que, naquele final dos anos 1960, se via definitivamente cortada pela lâmina do progresso, deixando para trás o passado agrícola em troca da sempre promessa, nunca cumprida, da idílica vida urbana (Moreira; Luna, 2012, p. 185-186).

Cachoeiro de Itapemirim é uma cidade que apresenta uma estreita relação com a música, pois já revelou e ainda revela bons cantores, sendo Roberto Carlos o nome mais expressivo. De fato, há um sentimento de pertença, um amor à terra, que inspirou e inspira poetas, cronistas, compositores, artistas de um modo geral. Newton Braga, irmão de Rubem Braga, criou o Dia de Cachoeiro, em 1939. Neste dia, homenageiam-se cidadãos nativos de Cachoeiro que residam e se destaquem em outras cidades. A condecoração é feita anualmente. Não é por acaso que muitos afirmam que os cachoeirenses são bairristas.

Nascido em 19 de abril de 1941, o “Rei” Roberto Carlos foi o Cachoeirense Ausente nº 1, em 1967. Em 1969, foi a vez de Raul Sampaio Cocco ser o homenageado. Ele, que compôs “Meu pequeno Cachoeiro” em 1961, pode ser considerado, nas palavras de Higner Mansur, um compositor completo (letra e música) e autor de composições que marcam a história da música brasileira. Colunista da *Revista 7DIAS* e do *Jornal Fato* e guardião da memória e da cultura locais, Mansur, cachoeirense de coração, em texto publicado na *7DIAS* explica:

No período da Festa de Cachoeiro, ano de 1966, tendo música e letra atingido em cheio a alma cachoeirense, a Câmara Municipal aprovou, por unanimidade, projeto do Vereador Luiz Gonzaga de Oliveira que, indo a sanção do Prefeito Abel Santana, se transformou na lei 1.072/66, de 28/julho/1966. A partir daí o Hino da Cidade passava a ser, e ainda é, “Meu Cachoeiro”. A Câmara de então, ou por achar desnecessário e redundante, ou por não ter atinado para o fato, entendeu de não fixar, na própria lei, nem letra e nem melodia da obra – a letra estava na boca do povo e é isso o que interessa, devem ter entendido.

Mas vejam quem chegou de repente! Em 1969, chegou Roberto Carlos, o maior cantor brasileiro de sucesso, de lá até aqui, a pretender que a letra tivesse pequena alteração para adaptar-se à sua história e à sua forma de cantar. E se houve resistência moderada de Raul, ele aceitou e ele mesmo recompôs a letra. Agora, ao menos para Roberto e para seus fãs, a letra



sofrera pequena modificação. E música e letra, que já tinham estourado em Cachoeiro, explodiram no Brasil. Subsistem, desde então, os versos “O meu bom jenipapeiro, bem no centro do terreiro...” e o “Meu flamboyant na primavera, que bonito que ele era...”. O “Meu Cachoeiro” virou “Meu pequeno Cachoeiro” (Mansur, 2016, p. 3).

Em conversa com Raul Sampaio, Mansur ouviu o compositor dizer que “a música (e a letra) de qualquer compositor, ao fim, quem a determina é o povo. O artista, o criador, apenas segue o povo”. Em outras palavras, “o compositor compõe, mas é o povo quem fixa a letra da canção” (Sampaio *apud* Mansur, 2016, p. 3).

Embora tivesse sido lançada pelo próprio autor em 1963, com o andamento lento de uma toada e virado hino da cidade de Cachoeiro três anos depois, o “estouro” nacional ocorreu mesmo com Roberto Carlos, que, de tal forma identificou-se com a canção que, graças em parte à falta de decoro de muitos divulgadores, conforme já vimos, ficou tido, para muitos, como se fosse o compositor (Moreira; Luna, 2012, p. 187).

Em janeiro de 2016, surgiu a ideia de fixar na letra da lei a letra da música. Neste sentido, novo projeto de lei foi elaborado fixando as duas letras como oficiais, em anexo da lei municipal – o flamboyant e o jenipapeiro, mantendo o número da lei original. Não é qualquer cidade que tem um hino e duas letras, que tem dois grandes compositores e cantores como Raul Sampaio e Roberto Carlos (Mansur, 2016, p. 3). No dia 18 de abril de 2016, a Lei nº 7395 altera a redação do artigo 1º da Lei nº 1.072 de julho de 1966 e passa a considerar oficiais ambas as letras e música de Raul Sampaio. (ANEXO).

Considerações finais

Roberto Carlos rasura o texto e, logo, co-assina a canção (na voz) ao modificar os versos “O meu bom jenipapeiro, / Bem no meio do terreiro, / dando sombra no quintal” para “Meu flamboyant na primavera / Que bonito que ele era / Dando sombra no quintal” (Lei nº 7.395/2016). Isso é fundamental para pensar a resignificação do texto-canção e, conseqüentemente, fazer com que o público reconheça Roberto como autor, já que é a voz quem autoriza o dito (Finnegan, p. 2008). Sendo essa voz a voz de Roberto Carlos, cantor popular de ampla abrangência de público, o dito está duplamente autorizado para o ouvinte que não tem acesso ao encarte do disco.

“Meu pequeno Cachoeiro” ajuda-nos a ler Cachoeiro de Itapemirim tanto quanto as crônicas de Rubem Braga (1913-1990). A cidade interferiu significativamente na produção artístico-literária do cronista e ele pode, tal qual Raul Sampaio, expressar sentimentos e materializar a memória. Este artigo, a partir das contribuições de Tatit, investigou a canção buscando examinar a vinculação direta do compositor com o cantor. Raul Sampaio, Roberto Carlos, Rubem Braga e Newton Braga, guardadas as suas especificidades e a relação que estabelecem/estabeleceram com a cidade onde nasceram, contribuem para a construção de um olhar romântico e mítico de Cachoeiro, trazendo à tona aspectos importantes da história cultural desta cidade.



Referências

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006 (Coleção IEAT).

BRASIL. Lei nº 7395, de 11 de abril de 2016. Atos do Poder Executivo Municipal. **Diário Oficial do Município**, Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, 16 abr. 2016. Disponível em: <https://sistemasprefeitura.cachoeiro.es.gov.br/transparencia/diario/arq/Diario5078-18.pdf>. Acesso em: 04/01/2024.

COLOMBINI, Maikely Teixeira. **Rubem Braga**: um cosmopolita afeito à sua província. Cachoeiro de Itapemirim: Editora Cachoeiro Cult, 2016.

FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? *In*: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. **Palavra cantada**: Ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: Faperj; 7 Letras, 2008, p. 15-43.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MANSUR, Higner. O jenipapeiro e o flamboyant. **7DIAS**, Cachoeiro de Itapemirim, p. 3, 16 jan. 2016.

MOREIRA, Evandro; LUNA, Paulo. **Do verso à canção**: biografia do cantor e compositor Raul Sampaio. Cachoeiro do Itapemirim: Cachoeiro Cult, 2012.

NATHANAILIDIS, Andressa Zoi. De Cachoeiro ao Rio de Janeiro: a vivência regional e a nostalgia na canção autobiográfica de Raul Sampaio. *In*: SODRÉ, Paulo Roberto; FREIRE, Pedro Antônio; AMARAL, Sérgio da Fonseca (org.) **Brav@s companheir@s e fantasmas 8**: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. Disponível em: https://blog.ufes.br/neples/files/2020/04/E-book-Bravos-companheiros-e-fantasmas-8-com-ISBN-corrigido_compressed.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

REIS, Tadeu Dulci. As transformações da música popular urbana brasileira: da modinha ao samba dos anos 1940. **Revista Ars Historica**, n. 14, p. 224-244, jan./jul. 2017.

SAMPAIO, Raul. Meu pequeno Cachoeiro. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-sampaio/meu-pequeno-cachoeiro/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TATIT, Luiz. Elementos para a análise da canção popular. **CASA**, v. 1, n. 2, p.7-24 dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/623/538>. Acesso em: 15 mar. 2021.





DIÁRIO OFICIAL

MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
www.cachoeiro.es.gov.br

ANO L - Cachoeiro de Itapemirim - segunda-feira - 18 de abril de 2016 - Nº 5078

PODER EXECUTIVO

ATOS DO PODER EXECUTIVO MUNICIPAL

LEI Nº 7395

ALTERA A REDAÇÃO DO ARTIGO 1º DA LEI Nº 1.072 DE 28 DE JULHO DE 1966, QUE CRIOU O HINO OFICIAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A CÂMARA MUNICIPAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, Estado do Espírito Santo, APROVA e o Prefeito Municipal SANCIONA a seguinte Lei:

Art. 1º - O Artigo 1º da Lei Nº 1.072, de 28 de julho de 1966 passa a ter a seguinte redação:

"Art. 1º - O Hino Oficial do Município de Cachoeiro de Itapemirim é a composição "Meu Pequeno Cachoeiro", letras e música de Raul Sampaio Cocco.

§ 1º - Consideram-se oficiais ambas as letras constantes dos Anexos I e II desta Lei."

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Cachoeiro de Itapemirim/ES, 11 de abril de 2016.

CARLOS ROBERTO CASTEGLIONE DIAS
Prefeito Municipal

ANEXO I

Eu passo a vida recordando
De tudo quanto ai deixei.
Cachoeiro, Cachoeiro
Vim ao Rio de Janeiro
Pra voltar e não voltei.
Mas te confesso, na saudade
As dores que arranjei pra mim
Pois todo pranto destas mágoas
Inda irei juntar às águas do teu Itapemirim.

Meu pequeno Cachoeiro
Vivo só pensando em ti

Ai que saudade dessas terras
Entre as serras
Doce terra onde eu nasci.

Recordo a casa onde eu morava
O muro alto, o laranjal
O meu bom jenipapeiro,
Bem no meio do terreiro,
Dando sombra no quintal.
A minha escola, a minha rua
Os meus primeiros madrigais
Ai como o pensamento voa
Ao lembrar da terra boa
Coisas que não voltam mais.

ANEXO II

Eu passo a vida recordando
De tudo quanto ai deixei.
Cachoeiro, Cachoeiro
Vim ao Rio de Janeiro
Pra voltar e não voltei.
Mas te confesso, na saudade
As dores que arranjei pra mim
Pois todo pranto destas mágoas
Inda irei juntar às águas do teu Itapemirim.

Meu pequeno Cachoeiro
Vivo só pensando em ti
Ai que saudade dessas terras
Entre as serras
Doce terra onde eu nasci.

Recordo a casa onde eu morava
O muro alto, o laranjal
Meu flamboyant na primavera,
Que bonito que ele era
Dando sombra no quintal.
A minha escola, a minha rua
Os meus primeiros madrigais
Ai como o pensamento voa
Ao lembrar da terra boa
Coisas que não voltam mais.

NOTAS DE AUTORIA

Maikely Teixeira Colombini (maikelycolombini@gmail.com) é doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É Mestra em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e graduada em Letras com Licenciatura em Português e Literaturas de Língua Portuguesa por esta mesma instituição. Seus interesses perpassam a Literatura em geral, com ênfase especial no cronista Rubem Braga.

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (wilberthcfs@gmail.com) possui graduação em Letras Português-Literatura pela UERJ (1985), mestrado em Letras (Literatura brasileira) pela UFRJ (1990), doutorado em Letras (Teoria da literatura) pela UFRJ (1996) e pós-doutorado em Literatura comparada pela UERJ (2006) e em Literatura brasileira pela USP (2014). Ingressou, em 1993, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde, a partir de maio/2014, se tornou Professor Titular.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

COLOMBINI, Maikely Teixeira; SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. Histórias e bastidores de “Meu pequeno cachoeiro”, de Raul Sampaio. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-15, 2024.

Contribuição de autoria

Maikely Teixeira Colombini: (1) contribuições substanciais para a concepção ou delineamento do estudo; ou a aquisição, análise ou interpretação dos dados do trabalho; (2) elaboração de versões preliminares do artigo ou revisão crítica de importante conteúdo intelectual; (3) aprovação final da versão a ser publicada; (4) concordância em ser responsável por todos os aspectos do trabalho, no sentido de garantir que as questões relacionadas à exatidão ou à integridade de qualquer parte da obra sejam devidamente investigadas e resolvidas.

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro: (1) contribuições substanciais para a concepção ou delineamento do estudo; ou a aquisição, análise ou interpretação dos dados do trabalho; (2) elaboração de versões preliminares do artigo ou revisão crítica de importante conteúdo intelectual; (3) aprovação final da versão a ser publicada; (4) concordância em ser responsável por todos os aspectos do trabalho, no sentido de garantir que as questões relacionadas à exatidão ou à integridade de qualquer parte da obra sejam devidamente investigadas e resolvidas.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não



representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 15/02/2023

Revisões requeridas em: 16/10/2023

Aprovado em: 23/03/2024

Publicado em: 29/04/2024

